
Adoecimento e morte por saudade entre indígenas Guarani Nhandéva

Jovane Gonçalves dos Santos ¹

Resumo: Este artigo é produto de minha pesquisa etnográfica desenvolvida entre os Guarani Nhandéva, moradores da comunidade Tekohá Añetete, localizada no município de Diamante do Oeste-Paraná. O estudo busca apresentar o que é a saudade para esses indígenas, de que forma ela os afeta e como eles a tratam. Participando da rotina, observando os itinerários terapêuticos e ouvindo as narrativas desses sujeitos, percebi que a saudade é uma doença grave e que pode levar a morte muito rapidamente quem é acometido por ela. Os que vivem com a saudade têm uma rotina marcada por instabilidades; os que morrem dela precisam ser rapidamente esquecidos.

Palavras-Chave: Guarani; Saudade; Doença; Morte; Etnomedicina.

Abstract: This article is the product of my ethnographic research developed among the Guarani Nhandéva, residents of the Community Tekohá Añetete, located in the municipality of Diamante do Oeste-Paraná. The study seeks to present what is nostalgia for these indigenous people, how it affects them and how they treat. Participating in the routine, observing the therapeutic itineraries and listening to the narratives of these individuals, I realized that the nostalgia is a serious disease and that can lead to death very quickly who is affected by it. Those who live with nostalgia have a routine marked by instability; those who die of it need to be quickly forgotten.

Keywords: Guarani; Nostalgia; Disease; Ethnomedicine; Death.

¹ Mestre em Ciências Sociais (Unioeste). Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR) campus Barracão. ¹ Coordenador do GISBERTA - Grupo de Pesquisa em Violência de Gênero na Comarca de Barracão-PR.

Para Vera Vilma Fernandes Leite... Que vive, morre e ressuscita comigo.

Entre os povos ocidentais dizer que se morre de saudade é, certamente, uma conotação. Entretanto, para os Guaraní *Nhandéva* essa afirmação tem sentido literal. São muitas as histórias de pessoas que, acometidas por saudade, estiveram “a beira da morte” e até mesmo, morreram. Este artigo busca apresentar o que é a saudade e porquê ela pode matar segundo esses indígenas.

Os indígenas Guaraní compõem etnias pertencentes à família linguística tupi-guarani, do tronco Tupi; geograficamente falando, concentram-se no que nós, “brancos” reconhecemos como sendo os territórios do Uruguai, Paraguai, Brasil, Argentina e Bolívia. No Brasil, os Guaraní se dividem, segundo Egon Schaden (1962), nas parcialidades *Mbyá*, *Nhandéva* e *Kaiowá*; sendo que os *Mbyá* se subdividem ainda em *Chiripá*, *Tambeopé* e *Paim* (Mello, 2007).

Essa pesquisa foi construída entre os *Nhandéva* moradores da comunidade *Tekohá Añetete*, localizada no interior do município de Diamante do Oeste, oeste do Estado do Paraná. Em campo eu buscava compreender o modo como os Guaraní (con)viviam com o – *jepotá*² Num emaranhado de práticas e explicações sobre esse fato disseram-me, certa vez, que a saudade é uma doença e que pode ser fatal para aquele que a tem. Observando depois a literatura existente³, foi possível constatar que essa ideia não é uma concepção exclusiva dos *Nhandéva*, perpassa também os outros subgrupos Guaraní e até mesmo, outros grupos indígenas.

No caso dos *Nhandéva*, a saudade é pensada como algo diferente de um mero “sentir falta”. Quando os Guaraní caminham de uma aldeia para a outra, sentem a falta das pessoas deixadas naquele lugar, mas esse sentir falta é preenchido pela reza, pelas lembranças dos bons tempos vividos juntos e, até mesmo, pelas visitas aos parentes. Para os Guaraní, saudade não é isso. O que é então a saudade na perspectiva desses indígenas? Como ela pode tornar-se

² “O –*jepotá* é, no saber nativo, uma força capaz de desumanizar a pessoa e transformá-la física e psiquicamente em bicho (*vixo*), estado em que o indivíduo passa a representar para os indígenas um *Anhã*, isto é, um diabo, sendo por isso comum que se refiram a ele como alguém que encarna o demônio.” (Santos, 2012: 12).

³ Ver Pissolato (2006)

a causa de uma morte? Se alguém morre de saudade, o que devem sentir nesse luto para não morrer também? São questões que esse artigo pretende responder.

A literatura existente ainda não abordou esse tema. Pissolato (2006) percebeu, durante a vivência em campo, que os Guarani pensam a saudade como uma doença; todavia, a autora não discute o modo como esse mal afeta as pessoas, menos ainda, como ele pode tornar-se a causa de uma morte. São esses espaços, vazios no conhecimento sobre os Guarani, que o presente texto pretende ocupar.

Metodologia

Como venho sugerindo, o método adotado para a construção desse estudo foi a observação participante. Morei em torno de 6 meses dentro dessa comunidade entre os anos de 2011 e 2012. O período permanecido entre eles não foi ininterrupto, mas dividido em etapas, em “ritmo descontínuo e visitas mais ou menos curtas” (Ramos, 1990), tal qual fez Goldman (2003) em um terreiro de Candomblé.

Na ânsia de conseguir elaborar a “ciência social do observado” (Lévi-Strauss, 2008:33), busquei encontrar as interrogações nativas. Essas questões não estão propriamente implícitas nas ações dos sujeitos de modo que nem eles saibam ou tenham consciência de que elas existem -como parecem acreditar alguns antropólogos-; elas estão presentes explicitamente entre eles e, às vezes, ganham expressão nos dramas cotidianos. O caso de Jaíra é um exemplo disso. Jaíra era uma senhora indígena, mãe de uma jovem que encontrava-se morando no Estado do Mato Grosso. Da filha distante Jaíra sentia saudade, nesses momentos perguntava-se sobre o que fazer para aliviar a enfermidade. Tomar chá de ervas, ir ao rezador, rezar, conversar comigo (dizia que encontrava em mim alguma coisa da filha pois, como ela, eu também estava longe de casa, morando longe dos meus)... eram as respostas que essa senhora, à luz de sua cultura, produzia no enfrentamento às agruras advindas da saudade.

Observando dramas como esse, busquei compreender quais eram às perguntas que eles respondiam. Alinho-me, portanto, a estudiosos como Eduardo Viveiros de Castro, para quem fazer antropologia corresponde ao ofício de captar as interrogações nativas, de perceber o que os indígenas consideram um problema e sobretudo, de levar à sério aquilo que, para

eles, chama-se inquietação. Levar à sério, entendo, corresponde ao que levou Peter Gow a sublinhar:

O que imagino é que devemos repensar radicalmente todo o problema da crença, ou ao menos deixar de dizer preguiçosamente que "os fulanos crêem que os mortos tocam tambores" ou que "os beltranos acreditam que os espíritos do rio tocam flautas". "Eles não 'acreditam': é verdade! É um saber sobre o mundo." (Gow, 1998 *apud* Goldman, 2005:449)

Nesse contexto percebi que os Guarani não “acham” que a saudade é uma doença e que ela pode matar. Ela é uma doença. Ela realmente mata. Por conta desse poder destruidor os indígenas, acometidos por essa patologia, lançam mão de uma série de ações buscando livrarem-se da morte. Atento à tais ações darei visibilidade a elas nesse artigo apresentando os itinerários terapêuticos de uma mulher afetada pela saudade.

Para a melhor compreensão desses itinerários, utilizei-me de entrevistas abertas que, conforme Minayo (1993), possibilitam ao pesquisador obter o maior número possível de informações sobre determinado tema, segundo a visão do entrevistado. A adoção desse método fez-se necessário porque as práticas terapêuticas construídas pela enferma iniciaram-se logo que ela se descobriu doente, isto é, bem antes de minha chegada à aldeia. As entrevistas trazem passagens reveladoras sobre o tema da saudade; todas foram gravadas e delas transcrevo alguns trechos ao longo do texto. Todavia, esse procedimento deu-se em poucos momentos. A maior parte do tempo foi ocupada para conversar abertamente com os informantes, falando de mim e deles, sem, no entanto, gravar esses diálogos, apenas registrando posteriormente informações e impressões em diário de campo.

Foi então, pela via de uma observação participante, levando à sério o nativo, procurando pelas suas questões, observando seus dramas e seus itinerários terapêuticos que construí esta pesquisa.

Ao longo desse tempo não testemunhei a morte de nenhum sujeito, mas ouvi e registrei muitas histórias sobre a morte, sobre os rituais para a morte e inclusive, sobre a morte provocada pela saudade. São essas experiências que agora, distante do campo e com alguma saudade de tudo isso, me possibilitam refletir e falar sobre essa insólita forma de adoecer e morrer entre os Guarani.

Uma doença chamada saudade

Desde o início do texto venho dizendo que a saudade é uma doença (*axy*). De fato, é assim que os Guarani a concebem. Todavia, o significado de “doença” para os Nhandéva não é o mesmo daquele partilhado por nós, não indígenas. Conforme nos diz Langdon: “A doença é um processo “experencial” — suas manifestações dependem de fatores culturais, sociais e psicológicos, operando conjuntamente com processos psicobiológicos” (Langdon, 1994:119).

Segundo os Guarani, a doença, assim como a saúde, corresponde a uma variedade de elementos existentes no mundo e a vários estados possíveis para o corpo e a alma. Um sinônimo capaz de expressá-la em sua amplitude é “mal”. Assim, os males que existem no mundo e impedem a alegria do homem são vistos e nominados pelos Guarani como doenças (Silva, 2007). A tristeza que se sente quando não se sabe ao certo o motivo, a saudade de alguém que morreu ou de alguém que se encontra longe, o desânimo para trabalhar, rezar, falar, etc., a raiva, o susto... são todas formas de doenças, pois, invariavelmente, tornam a vida na terra mais dolorida, mais difícil, menos alegre e, se não forem curadas, levam à morte.

As origens das doenças são muito diversas, podendo estar ligadas a fontes humanas e não humanas. Há males que provêm da inveja das outras pessoas e são concretizados através da feitiçaria; há outros que provêm das *anguéry* (almas dos mortos que vagam pela terra), de sakis habitantes da floresta, da mata, do trovão, dos bichos, etc. Alguns desses agentes emissores de doenças se utilizam de pequenos objetos que são inseridos no corpo dos Guarani causando-lhes as enfermidades.

Como bem demonstrou Silva (2007), para esse povo a terra é uma superfície onde eles caminham feito “folhas ao vento”, mas nesse espaço de circulação constante, também caminham as doenças e, por toda a parte, ameaçam os humanos. Para não ser acometido por uma delas é preciso que o sujeito mantenha perto de si a sua alma (*nhe'e*), recebida por ele na infância, ao pronunciar as primeiras palavras. A presença da alma é condição para a manutenção da saúde de uma pessoa.

Assim que a alma assenta no indivíduo ela passa a conduzi-lo a viver de uma boa maneira, isto é, a seguir o *nhanderekó*⁴, mas se ele, por um descuido⁵, não o segue a alma começa então a distanciar-se, fazendo o movimento de retorno para o local de onde ela veio, abandonando progressivamente o ser aqui na terra. O retorno completo dela para o seu local de origem concretiza a morte da pessoa. O sujeito que vive de uma maneira incorreta, ao caminhar pela terra pode encontrar-se com um animal e este, percebendo que o humano tem sua alma distante, pode tentar seduzi-la, atraí-la para ele (tem-se aí o fenômeno do *-jepotá*). Outras vezes esse ser humano pode encontrar-se com a memória de algum passado e sua alma, descolada dele e bastante confusa, tentará regressar para aquele local-situação-pessoa que já não o acompanha... (tem-se aí, o acontecimento da saudade).

A saudade de que venho falando é diferente de um apenas “sentir falta”. Os Guarani dizem que é muito comum sentirem falta de alguém ou de algo o qual perderam ou se distanciaram, mas isso em si não configura a doença chamada saudade. Só foi acometido por ela aquele (a) que abandonou o jeito correto de viver (*nhanderekó*) e não consegue esquecer, por exemplo, o lugar que antes habitava e no presente, orienta sua vida por uma tentativa de regresso ao inalcançável. Tem saudade aquele (a) que, de tanto pensar num ente distante, desprende-se das suas práticas cotidianas mais elementares (comer, rezar, ouvir, dançar...) e volta seus pensamentos apenas para quem longe vive. Sofre de saudade aquele (a) que após a morte de um parente continua chorando a perda, e mesmo que derrubem a casa onde este vivia e mesmo que a chuva caia diariamente; nada o faz esquecer aquele que se foi. Em resumo, só se pode dizer que alguém foi afetado pela saudade quando esta pessoa interrompe sua vida deixando de seguir o *nhanderekó* para dedicar-se aos pensamentos que o ligam ao que morreu, partiu ou, simplesmente, não existe mais.

O grande desafio dos *Nhandéva* é, portanto, o de viver de acordo com o *nhanderekó*; não segui-lo faz a alma distanciar-se da pessoa e ser, por exemplo, afetada pela saudade, essa doença, por sua vez, fará com que o indivíduo não consiga mais praticar as boas maneiras

⁴ Corresponde àquilo que os Guarani entendem como sendo o jeito correto de viver, respeitando normas religiosas, familiares, alimentares, etc.

⁵ Segundo os Guarani, esse descuido pode derivar da feitiçaria.

agravando sua enfermidade, agravando o distanciamento da sua alma e consequentemente, aproximando a morte.

Quando os *Nhandéva* sentem falta ocupam-se de rezar, dançar, conversar com seus parentes, contar histórias em grupo, rememorar os tempos passados com alegria pelo vivido, caminhar... dizem que “sentir falta” é bom, é indicativo da importância que algo ou alguém lhe teve, todavia, sabem também que esse estado pode ser prenúncio da saudade, por isso, atentam-se para sair logo dele e esquecer. O esquecimento, dizem esses indígenas, é fundamental para viver alegremente. Lembro-me, por exemplo, que diante da minha pretensão de registrar no trabalho que escrevia para o mestrado alguns detalhes do episódio em que um vizinho matou uma menina a pedradas, pediram para que eu não o fizesse. Escrever contrariava as pretensões daqueles sujeitos. Esforçavam-se para não lembrar-se daquilo. Grafar no papel seria eternizar o que eles tanto buscavam apagar de suas memórias.

Se o sentir falta resolve-se “facilmente” e pode-se esquecê-lo, saudade é bem mais difícil. Enquanto o primeiro é expressão da memória, a segunda é expressão de um estado da alma, aprisionada a um passado. O que fazer então para tratar essa enfermidade? Afinal, saudade tem cura?

Itinerários terapêuticos de uma mulher afetada pela saudade

Itinerários terapêuticos são constituídos por todos os movimentos desencadeados por indivíduos ou grupos na preservação ou recuperação da saúde, que podem mobilizar diferentes recursos que incluem desde os cuidados caseiros e práticas religiosas até os dispositivos biomédicos predominantes (atenção primária, urgência, etc.). Referem-se a uma sucessão de acontecimentos e tomada de decisões que, tendo como objeto o tratamento da enfermidade, constrói uma determinada trajetória (Cabral et al, 2010:4434). A proposta dessa seção é descrever e analisar o itinerário terapêutico de uma mulher indígena afetada pela saudade.

Quando um Guarani é afetado pela saudade dificilmente ele é capaz de reconhecer a doença que possui. Uma vez que ela é um estado da alma, as pessoas “comuns” não conseguem vê-la ou decifrá-la. Sentem apenas os seus sintomas. É preciso procurar um rezador para saber o que, de fato, vem acontecendo com o sujeito.

Os sintomas produzidos pelas doenças costumam ser diversos: Febre, dores, cansaço, inflamações, inchaço, dores de cabeça e tontura são os mais comuns de serem sentidos pelos Guarani no processo de adoecimento. Quando a doença é a saudade o corpo físico manifesta mais frequentemente: fadiga, falta de ar, falta de vontade de falar e o pensamento constante numa determinada pessoa, situação ou lugar.

Os remédios, conforme relatado por Schallenberger e Santos (2018) podem até ser eficazes para amenizar ou combater esses sintomas, mas são incapazes de produzir a cura. Esta só é possível através do trabalho do pajé que permanece como único capaz diagnosticar um indivíduo doente na comunidade *Tekohá Añetete*, mesmo em face dos médicos, dos remédios farmacológicos e da política de saúde construída pelos “brancos” para os indígenas. A observação dos itinerários terapêuticos feitos pelos Guarani expressam o predomínio dos xamãs no que se refere a saúde e doença dessa comunidade.

O caso de Jaíra

Jaíra era uma mulher que, na época de meu estudo, tinha 68 anos. Casada, morava apenas com o marido. Mãe de 3 filhos, sendo que todos eles residiam fora da aldeia. Uma de suas filhas (Sandra) encontrava-se, há mais ou menos 3 anos, na cidade de Dourados-MS. Os motivos que teriam levado a filha para “tão longe” era o casamento com um rapaz indígena que já morava em Dourados, bem como, a facilidade para ter acesso ao ensino superior na cidade em questão.

Jaíra sentia falta dos filhos distantes, mas por Sandra, nutria saudade absurda. Era esta filha quem a ajudava nas tarefas domésticas, a acompanhava nos banhos de rio, ia com ela a cidade, percorria as trilhas na mata coletando frutos, ia à casa de rezas:

Quando ela estava aqui tudo era alegre, ela sentava nesse banco e falava: ‘mãe, vamos fazer uns artesanatos?!’ e a gente ia. Depois que ela foi pro Mato Grosso nunca mais eu consegui fazer nada. Nem um brinco. As vezes até vou ali no centro cultural com as outras mulheres, mas daí eu já lembro da Sandra e volto pra casa. Daí as outras mulheres falam assim: ‘tá aborrecida? Não quer mais trançar? Eu só venho pra casa daí. (Jaíra da Silva, depoimento em 18/11/2011).

Jaíra afirma que sua doença iniciou-se assim que a filha foi para o outro Estado. Nos primeiros tempos do seu adoecimento tinha sintomas tão fortes que ficou mais de 3 meses

deitada na cama. Sentia muito cansaço, falta de ar, febre, dores no peito e seus pensamentos estavam o tempo todo ligados à Sandra, “mas aquela vez eu achava que pensava tanto nela porque eu estava preocupada com a menina”. Nesse período Jaíra perdeu muito peso e o rezador não conseguia ver direito que doença ela tinha mas suspeitava que fosse uma doença de branco, possivelmente, malária. Todavia, o diagnóstico dos médicos brancos não confirmavam a suspeita do pajé. O médico disse apenas que era fraqueza e anemia.

Sem sucesso no tratamento –do rezador e do médico- o marido de Jaíra decidiu levá-la ao pajé Esmael da aldeia de Guaíra-PR. Tratava-se de um pajé “chupador” que tirou do corpo de Jaíra um espinho⁶ indicando que a alma de Jaíra distanciara-se dela por conta de um feitiço, feito por alguém do Paraguai. O afastamento da alma levou a ocorrência de uma doença, mas esta permanecia sem ser reconhecida por Esmael. Jaíra morou com o marido alguns meses em Guaíra, período que relata ter apresentado melhoras significativas fazendo acompanhamento com o pajé. No entanto, nesse período Esmael foi chamado para ir ao Mato Grosso curar e visitar seus parentes, Jaíra decidiu retornar para o *Tekohá Añetete* em Diamante do Oeste.

A medida em que retornou para sua aldeia, retornaram também os sintomas, agora com redobrada força. Jaíra chegou a ser internada no hospital dos brancos, na cidade de Toledo-PR. Segundo ela os médicos não sabiam o que ela tinha, mas falavam que era anemia. Depois de 18 dias de internamento e sem apresentar muitas melhoras, seu esposo decidiu tirá-la do hospital e seguiram de ônibus até o Paraguai, ao encontro de um rezador bastante renomado pela sua capacidade de reconhecer, tratar e curar doenças. Jaíra conta que não queria ir. Lembrava-se de Esmael dizer que o início da doença teria acontecido pelo feitiço feito por alguém do Paraguai. Todavia, seu esposo impôs-se e seguiram o trajeto por ele planejado.

No Paraguai, hospedaram-se na casa de rezas e lá, logo nos primeiros dias o rezador já disse o que ela tinha: Tratava-se de saudade. Sua alma teria se distanciado por conta de algum feitiço enviado por alguém de longe. O distanciamento da alma coincidiu com o período em que sua filha mudara-se para outro Estado e a alma de Jaíra, confusa com essas

⁶ “O quid malignum causador da moléstia pode ser qualquer corpo estranho ou substância venenosa ou de outra forma prejudicial à saúde, como sejam pedrinhas, grãos de sementes, bichinhos feios ou até fogo” (Schaden, 1962: 131).

situações, buscou regressar ao tempo em que a moça acompanhava a mãe em suas trajetórias diárias.

O trabalho do pajé consistia em viajar até a alma da enferma e convencê-la a regressar para perto da mulher, que a esta altura encontrava-se a beira da morte. O rezador disse que o caso era muito grave, a alma encontrava-se muito confusa, desagradada e seduzida por um passado onde a mesma teria sido plenamente feliz, junto da filha. Recomendou então que o casal retornasse para o *Tekohá Añetete*, que Jaíra buscasse falar, conversar e ouvir o marido... que seguisse uma dieta baseada principalmente na ingestão de frutos e carne de animais selvagens, que fosse à casa de rezas, que procurasse ouvir o rezador da sua aldeia, que voltasse a tomar remédios de branco receitados para dor no corpo e que tentasse se manter feliz pois era preciso que sua alma entendesse que na terra ainda havia lugar para ela. O pajé solicitou por último que pedissem para a filha retornar do Mato Grosso e ficar perto da mãe até ela melhorar.

Jaíra e o esposo permaneceram por algumas semanas no Paraguai até conseguirem dinheiro suficiente para pegar ônibus e chegar em Diamante do Oeste. O estado dela ainda era de muita fragilidade e por isso, entenderam que não seria bom se tivessem que dormir pelo caminho. Seria preciso fazer a viagem em apenas um dia.

Assim que regressaram ao *Tekohá Añetete* o marido providenciou para avisar Sandra sobre o estado da mãe. A moça ficou preocupada com o diagnóstico do pajé, mas só conseguiu visitá-los no final daquele ano e por poucos dias. Jaíra relata compreender bem a filha; “Sandra tem a vida dela” e é necessário segui-la. Do contrário também cairia doente. Ademais, a saudade que Jaíra sentia não era propriamente da filha, conforme disse o rezador, é do tempo em que estava com a filha. Este tempo não retornaria, mesmo que a filha voltasse para perto dela.

Desde o retorno do Paraguai Jaíra apresentou muitas melhoras, voltou a comer, a falar, a caminhar. Seguiu tomando medicamentos comprados na farmácia ou adquiridos no posto de saúde. Na época de minha pesquisa tomava paracetamol e um calmante – o frasco já estava sem rótulo e não sabia dizer-me o nome do remédio, sabia apenas que era de uso controlado, pois tinha adquirido mediante apresentação de receita- , além de um chá de ervas e casca de

uma madeira, todos eficazes no combate às dores, cansaço e falta de ar. Segundo ela, na maior parte do tempo, levava a vida alegremente e, bem por isso, sua alma estava retornando.

No entanto, também era comum contar que em certos dias sonhava com a filha ou, simplesmente, acordava pensando em Sandra. Nada em especial havia se dado. Era um pensamento que simplesmente brotava em sua mente. Esses eram dias difíceis e seu adoecimento parecia retornar... Jaíra passava o dia aflita, desassossegada, em silêncio, às vezes, em choro. Não conseguia fazer as tarefas domésticas. Seu marido chegava e ela não havia preparado nada para se alimentarem. Dizia pensar muito na filha. Recorria ao pajé que rezava e expirava fumaça sobre sua cabeça, mas segundo ele, era preciso ter calma e tentar alegrar-se para que a alma encontrasse o caminho até ela.

Num desses dias, providenciei para que Jaíra falasse ao telefone com Sandra. Elas conversaram em Guarani em torno de 5 minutos, mas a ligação caiu e não conseguimos mais restabelecer contato⁷. Após a conversa com a filha ela disse ter ficado aliviada por saber que Sandra estava bem, mas passou a maior parte do dia falando comigo a respeito da moça. A vida de Jaíra seguia dessa forma, alternando estados de alegria e de uma saudade tão grande que a impedia de falar, rezar, comer e até mesmo ouvir seu próprio marido:

Vamos supor, quando Dona Jaíra acorda pensando na Sandra as vezes eu falo com ela assim: ‘vou a venda comprar sal’ ela não responde nada. Depois quando volto ela me pergunta onde eu estava. Eu falo que fui a venda e ela diz que não sabia. (José da Silva, depoimento em 05/12/2011).

Curar-se da saudade não é algo fácil. Trata-se de uma doença cuja alma está bastante confusa entre o tempo presente e o tempo passado. Assim a vida dos que convivem com ela é sempre marcada por instabilidade. Os remédios não a curam, segundo os Guarani por mim estudados. Pissolato (2006) conta que durante a pesquisa de campo para a produção da tese de doutoramento, sua filha, ainda muito pequena, que a acompanhava, sentia demasiada saudade de seu pai; observando isso, um Guarani ofereceu-lhe remédio para “curar” a saudade. Essa concepção existente entre os *Mbya* pesquisados por Pissolato não está presente entre os *Nhandéva*. Aqui a cura para a saudade só se faz mediante intervenção do pajé. A

⁷ Na época de minha pesquisa o sinal de telefonia celular era muito ruim na aldeia.

saudade, assim como as demais doenças, é um sinônimo de alma distante. É preciso fazer a alma retornar e isso não se consegue com remédio, apenas com o trabalho de um rezador muito experiente e poderoso. Por isso é mais comum que as pessoas afetadas pela saudade terminem morrendo.

Morrendo de Saudade

A saudade pode provocar a morte de uma pessoa segundo os Guarani. Aliás, é muito comum que aqueles que padecem dela morram de fato. Ao longo de minha pesquisa não conheci nenhum sujeito que tenha vindo a morrer de saudade, mas conheci suas histórias que permanecem na memória da comunidade.

Contam os Guarani que, certa vez, um jovem veio com sua família do Paraguai para o *Tekohá Añetete*. O rapaz não gostou do lugar, alegava que não tinha amigos, nem lugares para se divertir. Queria retornar para sua aldeia, porém os pais o impediram. Para demonstrar sua chateação com a decisão dos pais, deixou de seguir o *nhanderekó* e passou a consumir bebidas alcoólicas, indo frequentemente à cidade.

Um dia, passado pouco mais de um ano desde sua chegada ao *Tekohá*, o rapaz ficou doente. Teve muita febre e cansaço. Não conseguia mais levantar da cama. Os pais pensaram, em princípio, tratar-se de algum problema derivado da ingestão de bebida, por isso o levaram para o posto de saúde. O médico receitou alguns remédios e o rapaz retornou para casa sem obter nenhuma melhora. O pajé da aldeia foi consultado e o mesmo não conseguiu ver a doença que o afetava, mas viu que a alma dele já estava bem distante. Alertou os pais para que procurassem algum rezador no Paraguai.

Impossibilitado de viajar devido ao seu estado crítico, o rapaz permaneceu na aldeia e seu pai foi até o Paraguai buscar um rezador para que pudesse curar o jovem. O rezador não queria vir. Ele já havia sonhado que alguém o buscava para tratar o caso de uma pessoa, mas que seria inútil. Aconselhou o pai a retornar para perto de seu filho e acompanhar seus últimos momentos. Insatisfeito, o pai permaneceu na aldeia do pajé por mais um dia, quando então o rezador decidiu acompanhá-lo. No entanto, quando chegaram no *Tekohá Añetete* o rapaz já havia falecido. O pajé fumou e dançou em torno do corpo do jovem, depois adormeceu por longas horas, ao despertar contou que o rapaz morrera de saudade. Assim que

o mesmo deixou de seguir o *nhanderekó* sua alma afastou-se, e terminou tentando voltar para o tempo em que o mesmo morava no Paraguai e levava a vida do jeito que os Guaraní entendem ser certo. Quanto mais o jovem ia à cidade, quanto mais ele bebia, quanto mais se afastava do jeito Guaraní de viver, mais a sua alma se distanciava dele e se prendia a um tempo inexistente no presente. Foi assim até sua alma distanciar-se de vez, não restando mais nada que o rezador pudesse fazer.

Depois desse episódio a família descobriu que o filho falecido tinha uma namorada no Paraguai. Souberam também que ele, muitas vezes, pedia a moto emprestada para um rapaz da aldeia com quem tivera contato. Alegava que precisava ir até o Paraguai, pois já não aguentava de saudade de tudo que havia ficado lá. O colega recusava-se a emprestar a motocicleta porque sabia que o jovem tinha problema com alcoolismo e temia que o mesmo quisesse suicidar-se. Depois da morte desse jovem, sua família regressou ao Paraguai.

Ao longo da pesquisa de campo também conheci a história de um homem chamado Marcelino, jovem, recém casado, vivia com a esposa próximo a aldeia de Jacutinga⁸. Teria vindo do estado de São Paulo acompanhado apenas pela mãe, que falecera ali, pouco tempo antes do jovem se casar. Com a inundação das terras produzida pela construção da hidrelétrica de Itaipu⁹, Marcelino e sua esposa tiveram que abandonar a casa, a roça, e tudo o que tinham. Algumas noites antes de deixar o lugar, Marcelino teria sonhado com a mãe e esta dizia a ele que não queria ser sufocada pelas águas. Desde esse sonho, o rapaz passou a falar pouco, a caminhar sozinho pelo mato, a ficar mais de um dia longe de casa...

Antes da inundação, mudaram-se para o Paraguai. Marcelino queria levar o corpo da mãe que estava enterrado, mas foi impedido por seus pares. No Paraguai o silêncio de Marcelino só se agravou. Raramente falava as coisas e, quando falava, era sobre a mãe falecida. Não queria trabalhar, nem caçar, nem ir à casa de rezas. Sua moradia foi construída por alguns parentes da esposa que moravam próximo deles, pois nem isso o rapaz animava-se a fazer. Depois de alguns dias Marcelino não conseguia mais levantar-se da cama. Foi tomado

⁸ Trata-se de uma aldeia *Nhandéva* que existiu até a década de 1970 na margem brasileira do Rio Paraná, entre o Rio Ocoy e o córrego de Jacutinga. Em 1977 um ato expropriatório do governo federal colocou esta área à disposição do Incra para fins de assentamento de colonos, conforme nos conta Almeida (1995).

⁹ Ver Ribeiro (2002).

por uma série de dores no corpo e muita febre. Delirava conversando com sua mãe. As vezes acordava assustado chamando ela.

Levado até o rezador, o mesmo disse que o rapaz havia sido afetado pela saudade e que já não havia mais o que fazer. Poucas semanas depois Marcelino terminou morrendo.

Tanto no primeiro quanto no segundo caso narrados, os indivíduos que conviviam com os sujeitos que vieram a óbito só tomaram conhecimento da doença que os afetava depois da morte ou num momento em que a cura já não era mais possível, dado o estado avançado do mal sobre a alma. Isso se repete nas demais histórias que ouvi de pessoas que morreram dessa causa. Acontece que a experiência da saudade é sempre, uma experiência solitária, principalmente porque ela tira do sujeito o ímpeto para a fala e nisso poucos terminam sabendo sobre o que está se passando com a pessoa adoecida. Mesmo que o único capaz de reconhecer as doenças seja o rezador, se o sujeito com saudade falasse mais sobre si, as pessoas do seu convívio poderiam supor sobre o adoecimento e encaminhá-lo ao pajé.

Entre os Guarani quando o membro de uma família fica doente o sofrimento social que esta enfermidade produz é significativo. Todo o grupo familiar se mobiliza na tentativa de ajudar o sujeito doente a conseguir os recursos para obter sua cura – buscam remédios, levam ao rezador, ajudam na obtenção dos alimentos para essa pessoa comer, acompanham o sujeito ao médico, procuram por rezadores em outras comunidades... Quando se trata da saudade, a pessoa afetada, ao perder o ânimo para a comunicação com os seus, não diz aos demais o que está pensando ou sentindo. Vive as agruras da doença em silêncio. A medida em que o tempo passa sua enfermidade torna-se mais grave até alguém perceber alguma anormalidade e, enfim, iniciar os itinerários terapêuticos.

Nos dois casos narrados a morte dos sujeitos aconteceu em um ano após o início da doença. Essa parece¹⁰ ser uma característica da saudade. Ela, quando mata, mata rápido. Ocorre que a alma estando distante da pessoa, sem vê-la praticando os hábitos do *nhanderekó* e sem perceber esforços dos seus parentes para demonstrar o quanto ela é bem quista na terra,

¹⁰ Digo “parece” porque também ouvi alguns casos de pessoas cuja morte levou anos para acontecer. Mas são casos pouco frequentes. Em regra, a saudade mata rapidamente quando não há esforços para sua cura. Havendo esses esforços a alma tende a retornar para o indivíduo e este livra-se desse mal, ainda que leve anos para isso, como no caso de Jaíra.

desiste de fato de acompanhar o indivíduo e retorna rápido –ou tenta retornar- para o mundo espiritual, concretizando a morte. Note-se: não é que os parentes não gostem do indivíduo. Diante de tanto silêncio, eles só não imaginam o que está acontecendo com ele, por isso tardam para esforçar-se na direção de ajudá-lo a recuperar sua alma. Havendo esforços, dos parentes e da pessoa, a alma tende a retornar para o indivíduo e este livra-se desse mal, ainda que leve anos para isso, como no caso de Jaíra.

Segundo os Guarani *Nhandéva*, quando uma pessoa morre sua alma vai (ou já estava indo, por isso ela morreu) para a Terra Sem Mal, um paraíso que se localiza no espaço, acima da terra má¹¹. Nesse percurso a alma precisa estar muito convicta sobre onde quer chegar pois ao longo dele existem sete porteiras e, em cada uma, ela é interrogada sobre o seu destino. Caso a alma demonstre insegura sobre o local pra onde vai, é obrigada a retornar para a terra, porém, como fantasma. No retorno não é mais conhecida como *nhe'e*, e sim, *anguéry*; não traz mais a vida e a palavra às pessoas, agora traz somente maldades e até mesmo a morte.

Anguérys são almas penadas que caminham pela terra principalmente a noite e no horário do meio dia. Os Guarani temem muito encontrá-las, sobretudo, aqueles indivíduos que já não vivem de acordo com o *nhanderekó*. Tais sujeitos são sempre mais vulneráveis e, para eles, os fantasmas são perigosos sobremaneira. O encontro de um humano com um fantasma pode produzir susto, doenças, perda da fala, morte, etc. Apesar desse caráter terrível das *anguérys*, elas são essencialmente almas solitárias e que no fundo, apenas buscam companhia por isso tentam aproximar-se dos vivos, conforme já observou Egon Schaden:

Não o movem más intenções e não há de sua parte nenhum desejo de provocar a perdição de quem quer que seja. Não é Mefisto, mas o “pobre diabo”, que talvez até sinta pena do mal que cause. Assemelha-se, pois, como já indiquei, à alma nada, que sofre no purgatório, merecedora da compaixão dos que vivem cá na terra” (Schaden, 1962: 117-118).

¹¹ Pierre Clastres afirma que, para os Guarani, a terra é má por ser o lugar onde as coisas só podem ser uma: “O um sem o múltiplo”. De acordo com ele: “os homens são os habitantes de uma terra imperfeita, de uma terra má. Sempre foi assim. Os Guarani estão acostumados à desgraça, não é nada de novo para eles, nada surpreendente. Eles já tinham conhecimento dela bem antes da chegada dos ocidentais, que nada lhes ensinaram sobre o assunto” (1978, p. 119). Essa ideia dos Guarani como fugitivos, desgraçados, vem sendo questionada por pesquisadores como Bartomeu Meliá, Evaldo Silva, entre outros. Pissolato (2007) verifica entre os Mbya que a terra é má por ser permeada de doenças e de dificuldades opostas à realização da alegria e do bom viver. Daí, viver nela torna-se um desafio para os Guarani.

Todavia, qualquer gesto que derive das *anguérys* deve ser visto com temor e receio. Até mesmo o ato de falar sobre elas é evitado por esses indígenas.

As almas dos indivíduos que morrem de saudade quase sempre se tornam *anguérys*. Os Guarani as descrevem como almas completamente confusas, seduzidas por um passado para o qual não podem retornar e, por isso, no caminho em direção a Terra Sem Mal, terminam se equivocando numa das porteiras e são condenadas a voltarem para a terra constituindo-se agora nos fantasmas. Por isso, aconselham esses indígenas que, uma pessoa cuja a causa da morte foi saudade, precisa ser rapidamente esquecida. O luto precisa ser breve, pois a alma desse falecido certamente vaga pela terra. Ficar mencionando-o atrairá sua *anguéry*, pois a fará entender que ela tem lugar entre os vivos, ou que os vivos querem um lugar entre os mortos. Dessa forma, quem morre de saudade, mais rápido do que qualquer outro morto, precisa ser esquecido.

A morte e os ritos para quem morre de saudade

A morte é um momento de dor para os Guarani. Não propriamente para aquele que morre¹², este inclusive, como testemunhou Schaden, as vezes quer morrer “pelo desejo de ir para o além” (p. 133). A morte é dolorosa para os vivos e a ideia de ser ela uma passagem para a Terra Sem Mal não atenua as agruras dos enlutados. Todavia, a tristeza não pode permanecer por muito tempo. É preciso afastar os pensamentos que rememoram o defunto. Chorar a morte é algo para se fazer somente até o acontecimento da primeira chuva¹³ após o enterro. Quando o morto foi vitimado pela saudade tais cuidados precisam ser redobrados.

Quando uma pessoa morre seu corpo só é enterrado um dia após o acontecimento. Nesse tempo os indígenas fazem um velório semelhante ao realizado pelos ocidentais. Depois, o morto é sepultado no cemitério, em geral, distante das habitações e dos espaços sociais (roça, casa de rezas, campo, etc.) da comunidade. Sobre a tumba (as vezes dentro do caixão) depositam objetos pessoais do falecido, comida, cruz, flores... É comum que os vivos

¹² Curt Nimunedaju ([1914] 1987) destaca que os Guarani têm muito mais medo dos mortos que da morte. Segundo o autor, “o moribundo dá aos seus as últimas ordens, com a máxima objetividade, que são rigorosamente executadas; até que lhe falte a voz, canta seu canto ritual, se o possui, repudiando qualquer consolo[...]”(idem: 36).

¹³ Também entre os Mbya esta concepção está presente, conforme Mendes Junior (2009).

chorem nesses momentos e continuem chorando depois, quando voltam para as suas casas. Fazem isso até chover.

A chuva é um momento de ruptura. Segundo os Guarani o corpo de uma pessoa possui “calor”, uma espécie de energia que deixa sobre a terra principalmente nos objetos e nos lugares frequentados comumente. Quando uma pessoa morre seu “calor” permanece nesses espaços. É preciso libertar-se dele. O acontecimento da chuva contribui para retirá-lo dali. A chuva lava as coisas e apaga da terra o rastro daquele que faleceu. A partir desse momento o morto precisa ser “esquecido”. Evita-se falar sobre ele. Não se deve mais chorar a sua morte. Antes da chuva o morto tinha razões para voltar à terra pois seu calor permanecia por ali, depois dela, as marcas dos seus itinerários desapareceram. Não há mais razões para o seu retorno, a não ser por menção constante ao seu nome.

O “calor” de um defunto conduz os vivos a mencionarem-no constantemente e essas menções nada contribuem para o sucesso da alma do morto na sua tentativa de chegar à Terra sem mal. Não estranha que durante muito tempo os Guarani, imediatamente após a morte de uma pessoa, derrubavam a casa habitada por ela. Era uma forma de tirar de perto dos vivos o calor de quem se foi. Hoje, no *Tekohá Añetete*, como a maioria das moradias foram construídas em alvenaria, os indígenas não mais as destroem nessas ocasiões: abandonam-nas. Passam a morar numa outra casa, improvisada, no meio do mato e permanecem lá por tempo indeterminado. A casa antiga, onde o morto habitou, não será mais ocupada pela mesma família. Outras pessoas, se quiserem, poderão servir-se dela. A família enlutada e refugiada no mato, voltará mais tarde para as casas de alvenaria ou para outra casa também abandonada e à disposição.

O calor do morto só é perigoso para quem o conheceu quando vivo. Não é propriamente o calor, impregnado nos lugares e nos objetos, que faz mal. Essa energia, presente nos elementos materiais, conduz quem conheceu o defunto a lembrar-se dele, a pensar, a falar e, até mesmo, a sentir falta e saudade dele. Nessas memórias e nesses gestos residem o perigo. Falar reiteradamente no morto faz com que a alma dele entenda: há na terra um lugar para ela! Caso ela não tenha atingido o paraíso, voltará para atender a esses chamados, porém, mortos e vivos não podem trocar entre si enquanto estiverem com perspectivas diferentes. Suas perspectivas precisam ser igualadas para que a reciprocidade se

concretize. A única forma de haver essa igualdade é a alma do vivo morrer também. Por isso, sabem os Guarani que a alma dos mortos são sempre muito perigosas, pois fazem os vivos igualarem-se a elas.

As almas dos indivíduos, mortos por causas naturais ou vítimas de certas doenças, atingem a terra sem mal depois de um tempo. As almas daqueles que morrem de saudade não. Elas tendem a permanecer na terra, como *anguérys*. Por isso, aquele que morre de saudade precisa ser esquecido. Seu nome não pode ser pronunciado com frequência. Sua família não pode chorar a morte além da primeira chuva. Até mesmo um mero sentir falta precisa ser evitado. Os gestos que lembrem o falecido atrairão sua alma. Esta, por certo um fantasma, a espera de companhia, virá na direção de quem a menciona e outras mortes haverá de acontecer.

Considerações Finais

Os estudos de Schaden realizados nos anos de 1950 testemunharam indígenas Guarani extremamente temerosos, num estado mental de insegurança e de quase desespero em face às explicações para a morte e para as doenças. Tal estado era motivado, segundo o autor, pelo contato interétnico. A presença de outros saberes (ocidentais, cristãos, médicos...) discursando sobre esses fenômenos levavam os Guarani a uma crise de “desintegração cultural”. Mais de meio século depois tudo isso mostra-se superado por esses indígenas.

Os Guarani ainda temem a morte. Pudera! Mas não creditam à feitiçaria a causa maior para os óbitos, o que os fazem menos “fugitivos” e menos desesperados. A explicação para a morte hoje considera mais a noção de alma e de distanciamento dela dos sujeitos. Os feitiços ainda existem, são poderosos e temidos, mas matam menos do que as seduições que o mundo produz sobre os indígenas, desencaminhando-os das vivências corretas denominadas por eles de *nhanderekó*.

Os diversos discursos sobre as doenças produzidos por fontes externas foram orquestrados pelos Guarani e ganharam sentidos bastante peculiares a luz dessa cultura. Os rezadores não lamentam a existência dos postos de saúde e dos remédios industrializados,

antes usam deles e recomendam-nos; sabem de sua eficácia para tratar os sintomas e de sua inutilidade para curar as doenças.

Não há insegurança nem desespero por parte dos *Nhandéva* quando precisam lidar com as múltiplas formas de curar. Ao contrário, lançam mão delas e com elas constroem seus itinerários terapêuticos. Se há lugar para desespero pode-se dizer que este acontece mais pela impossibilidade de acessar as diversas formas de tratamento (médico, xamã, farmacêutico...) do que pela existência delas.

Teriam então esses indígenas se aculturado de vez? Somente sendo um louco para acreditar nisso. O modo como esses indígenas teorizam, vivenciam e morrem de saudade é também uma evidência dessa negativa. Pensar a saudade como doença é uma característica bastante ímpar desse povo; sinaliza para uma concepção de mundo que nada tem a ver com a dos ocidentais ou dos cristãos, garantindo-nos que as mudanças produzidas pelos indígenas no interior da sua cultura foram orquestradas à sua maneira, nada tendo a ver com aquilo que Roberto Cardoso de Oliveira chamou de “assimilação”.

Entender o que os Guarani pensam sobre a saudade nos mostra que há no mundo muito mais formas de viver e de morrer do que as ciências médicas tem nos ensinado até agora.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Rubem Thomaz de. 1995, *Laudo antropológico sobre a comunidade Guarani – Nhandeva do Oco'y/Jacutinga – PR*. Rio de Janeiro.
- CABRAL, Ana Lucia Lobo Vianna et al. 2011, “Itinerários terapêuticos: o estado da arte da produção científica no Brasil”, *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro 16(11), 4433-4442.
- CLASTRES, Pierre. 1978. *A Sociedade Contra o Estado*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- GOLDMAN, Marcio. 2003, *Os Tambores dos mortos e os tambores dos Vivos. Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia*. Revista de Antropologia, 46 (2): 445-476.
- LANGDON, Esther Jean. 1994, “Representações de Doença e Itinerário Terapêutico dos Siona da Amazônia Colombiana”, In SANTOS, RV., COIMBRA JR., CEA., Orgs. *Saúde e povos indígenas*, Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, pp. 115-141.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. [1958]2008, *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Cosac Naify.
- MELLO, Flávia Cristina de. 2007, *Mbyá e Chiripá: identidades étnicas, etnônimos e autodenominações entre os Guarani do sul do Brasil*. Tellus, ano 7, n. 12.
- MENDES JUNIOR, Rafael Fernandes. 2009, *Os animais são muito mais que algo somente bom para comer*. Niterói, Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFF.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. 1993. O Desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2 edição. São Paulo/Rio de Janeiro. Hucitec. Abraço
- NIMUENDAJU, Curt Unkel. [1914] 1987, *As Lendas da Criação e da Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Hucitec/Edusp.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 1976. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena*, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- PISSOLATO, Elizabeth de Paula. 2006. *A duração da pessoa: mobilidade, parentesco e xamanismo mbya (guarani)*. Rio de Janeiro. Tese de doutorado. PPGAS/Museu Nacional, UFRJ.
- SANTOS, Jovane Gonçalves dos. 2012. *Entre Homens e Diabos: Uma etnografia dos Guarani Nhandéva acometidos pelo –jepotá*. Toledo-PR, dissertação de mestrado, Unioeste.
- SCHADEN, Egon. [1954]1962. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- SCHALLENBERGER, Erneldo; SANTOS, Jovane Gonçalves dos. 2018, “Doença e cura na etnomedicina Guarani Nhandeva: o médico e o xamã”, *Cadernos de Saúde e Meio Ambiente*, Chapecó – SC, 48 (31), 41-49.
- SILVA, Evaldo Mendes da. 2007. *Folhas Ao Vento: A micromobilidade de grupos Mbya e Nhandéva (Guarani) na Tríplice Fronteira*. Rio de Janeiro, Tese (Doutorado).PPGSA, UFRJ.
- RAMOS, Alcida. 1990, “Ethnology Brazilian Style”. *Trabalhos em Ciências Sociais - Série Antropologia*, 89: 1-38.
- RIBEIRO, Sarah Iurkiv Gomes Tibes. 2002, *O horizonte é a terra: manipulação da identidade e construção do ser entre os Guarani no Oeste do Paraná (1977-1997)*. Porto Alegre, Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.